

Letrário**editora*

Táxi! Táxi!

Jairo de Mattos

Março de 2009



Um fim de tarde ou quase noite; um fim de vida ou quase morte; todo encasacado, em meio a uma apenas brisa fresca, canalizada pelas rodas rápidas e seguras dos automóveis que passam na avenida; pequenos óculos, que se tornam grandes para os olhos marcados pelo enrugado passar do tempo e que se espremem ainda mais para ver, ao longe, o que um dia esteve tão perto e tão vivo... Indeciso: um pé na segurança da calçada e outro na sorte do leito da rua, quase uma raia... três ou quatro vezes tentara, mas hesitara em colocar os dois pés do lado de lá...

Enfim, o mais cômodo, na esperança última de não se levar, mas ser levado; braço estendido, voz frágil e cansada, quase sumida:

– Táxi!

E a loira, jovem e bonita, três passos rua acima, foi mais feliz.

Só restou esperar, vendo e tentando espelhar um passado no dinamismo da outra pessoa.

A voz sumida novamente:

– Táxi!

O pé hesitante no “desce ou não desce”: outro táxi que passa e não atende!

Mais outro que pára e outro pedestre que o passa para trás!

Um carro, dois carros e tantos carros para jovens lindos e saudáveis, que olham o velho na margem; sorridentes, tristes ou observadores, mas olham e o levam em pensamento apenas...

O pequeno ancião, sem saber até quando, sem saber se esperar é o melhor, já não consegue imaginar algo superior.

O antigo pai de todos, sempre radical, carrancudo, sua palavra uma lei, aquele perante quem a mulher se curva sempre secundária e seguidora, a quem o filho obedece por temor, a quem o neto venera por tradição, vê, de repente, toda a real autoridade saturada e desfeita em si mesmo, solitário, tendo de decidir se fica ou se vai...

E a débil voz, outrora autoritária, insiste:

– Táxi!

Levanta os braços, já sem o volume e a presença de outros dias passados; o grande capote encobre o orgulho castigado, sua ira se retrata fácil por entre as rugas de um rosto deformado pelo tempo. Chega ao máximo do desequilíbrio emocional quando um chofer, com bandeira livre, passa, sem sequer notá-lo; em forma de palavrões se faz, enfim, notado pelos transeuntes mais próximos, cuja gozação só serviu para o irritar ainda mais. Esbravejando e ofendendo a todos, erguendo os braços e gesticulando contra o mundo, com toda a força dos seus pulmões gritou:

– Táxi! Táxi!

Cada chamado seguido de um passo desnordeado para o leito da rua movimentada:

– Táxi! Táxi!

Tudo o que se ouve é o baque seco de lataria, ossos se entrechocando e um corpo lançado para o centro da avenida, sob outros automóveis que passam a toda a velocidade, sem poder frear...

Um berro arrancado do mais fundo da alma e do leito da avenida:

– Táxi!

Faz-se ouvir, longe e triste, como último apelo de quem reclama o lugar que deixou passar e ao qual não mais conseguiu retornar:

– Táxi! (o trânsito não pode parar).

– Táxi! (a cidade não pode parar).

– Táxi (os jovens não podem parar).

– Táxi! (a família não pode parar).

– Táxi! (eu não posso parar).

– Táxi! (o tempo não pode parar).

– Táxi! Táxi!

Fim

Letrário^{*} *editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letorario.pt/1_pt/900/9002.htm

+ 351 21 711 20 20

letorario@letorario.pt